

obra n.º	matéria	página	visto	lauda n.º
	redator/editor			1

"BRASIL GRANDE E HUMANISMO" VILÉM FLUSSER (AUTOR)

1 Há teste que permite distinguir entre gente civilizada e os outros: gente  
 2 civilizada respeita ordens de grandeza. Sabe, por exemplo, que fenômenos  
 3 históricos são medidos em séculos, os biológicos em milhões de anos, e os  
 4 geológicos em centenas de milhões de anos. Ou que o mundo físico percebido  
 5 por nossos sentidos varia entre a ordem de grandeza de  $10^8$  cm. e  $10^{-3}$  cm. ~~ne~~  
 6 o que ultrapassa tal variação exige instrumentos para ser ~~percebido~~.  
 7 ~~Tal teste~~  
 8 Tal teste é decisivo porque quem confunde ordens de grandeza não pode ser  
 9 civilizado. Toda ordem de grandeza demanda critérios epistemológicos, ético.  
 10 e estéticos diferentes de todas as demais ordens, porque constitui camada  
 11 específica da realidade. Quem mistura ordens de grandeza, confunde reali-  
 12 dades e isto é barbárie. Um único exemplo de tal barbárie: a introdução  
 13 do conceito biológico "raça" no discurso sobre a história e a cultura re-  
 14 sultou em milhões de mortos.  
 15 No entanto, não é fácil ser civilizado. Isto porque as ordens de grandeza  
 16 se co-imbricam, embora se distingam radicalmente uma da outra. Embora seja  
 17 barbárie querer explicar a cultura biologicamente, não há ponto preciso  
 18 no qual a competência da biologia deva ceder seu lugar para a competência  
 19 da crítica da cultura. Embora seja barbárie querer aplicar as equações  
 20 einsteinianas à fabricação de canetas, não há ponto preciso no qual a com-

~~petência da física einsteiniana deva ceder seu lugar à competência da~~

<del>tipo</del>	<del>corpo</del>	<del>medida</del>	<del>observações</del>

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			2

1 física newtoniana. E que as ordens de grandeza formam hierarquia, den-

2 tro da qual , toda ordem superior contem todas as inferiores, quais bo-

3 necas russas, mas com paredes permeáveis. De modo que toda ordem de gran-

4 deza diz respeito a todas as demais ordens. Gente civilizada, ao respeitar

5 a especificidade de toda ordem, deve também admitir tal permeabilidade.

6 Deve admitir que as ordens de grandeza são "fuzzy sets" ( conjuntos mal

7 definidos).

8 Em vista de tal dificuldade, os Antigos em sua luta contra a barbárie re-

9 comendavam que os civilizados se contentassem com uma única ordem de gran-

10 deza: a humana. Estipularam ser o homem a medida de todas as coisas. Es-

11 tipularam que toda ordem de grandeza incompatível com dimensões humanas

12 seja considerada "imensa",- não-mensurável. Barbárie, para eles, seria

13 sinônimo de desmedida. Tal atitude diante da medida e dimensão, -"anthro-

14 pos metron panton" - é o germe do humanismo: o homem enquanto centro do

15 universo, não por arrogância, mas por modéstia; centro, porque desiste

16 de querer medir o transhumano e o infrahumano. Na situação atual, a ati-

17 tude recomendada pelos Antigos não mais é viável. O humanismo não mais

18 funciona. Porque fenômenos considerados "Imensos" pelos Antigos se in-

19 filtram na ordem de grandeza humana, exigindo serem medidos,-por medidas

20 não-humanas.

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			3

Na Antiguidade, era fácil a gente ser civilizada, humanista. A grande

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20

maioria dos fenômenos que cercavam o homem tinha efetivamente dimensões humanas. As distâncias podiam ser medidas em metros, a duração dos eventos em horas, o valor dos produtos em dólares, -ou equivalentes antigos de tais unidades de medidas. Havia, por certo, fenômenos "grandes" como o mar e "pequenos" como o grão de areia. O mar era "grande" porque medi-lo exigiria muitas horas e resultaria em muitos metros. O grão de areia era "pequeno" porque medi-lo exigiria a fabricação de régua centimétrica impraticável para olho e dedo humanos. De modo que os termos "grande" e "pequeno" tinham significado nítido: o "grande" é admirável, o "pequeno" é desprezível. Pois "grande" e "pequeno" deixaram de ter tal significado. O mar é grande, se visto da praia, e pequeno, se visto do avião. O grão de areia é pequeno, se visto da praia, e pequeno, se visto sob microscópio eletrônico. E não mais podemos ficar na praia para continuar a admirar o grande e desprezar o pequeno. Porque, mesmo na praia, estamos ameaçados de explosão termonuclear ( a ser medida em megatoneladas e microsegundos), de explosão demográfica ( a ser medida em centenas de milhões de indivíduos), e de dívida externa (a ser medida em centenas de bilhões de dólares). Mesmo na praia, o homem deixou de ser a medida de todas as coisas. Não mais é possível admirarmos o grande e desprezarmos o pequeno. O humanismo

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			4

4

1 não mais é possível. Não é possível porque fenômenos da ordem de grandeza  
 2 de microssegundos, de centenas de milhões de indivíduos e de centenas de mi-  
 3 lhões de dólares acabam influenciando existencialmente o banho de mar.  
 4 Não se diga que a barbárie, à qual aparentemente estamos condenaos, é con-  
 5 seqüência da invenção da lente e dos instrumentos subsequentes. Pouco teria  
 6 adiantado se a Igreja tivesse queimado Galileu. Por certo: a lente tornou  
 7 visíveis coisas pequenas na superfície da Lua, o que destruiu a sua grandeza;  
 8 a lente tornou visíveis coisas grandes no sêmen humano, o que destruiu o  
 9 desprezo por êle. Appos a lente, tornou-se difícil admirar o grande e des-  
 10 prezar o pequeno. Mas não é a lente a culpada pela barbárie da desmedida.  
 11 Culpada é a tendência para a quantificação, da qual a lente não é senão um  
 12 dos produtos. Para quem quantifica, não há grandeza nem pequenez, apenas  
 13 ordens de grandeza. E ser civilizado, para quem quantifica, não é distin-  
 14 guir entre grande e pequeno, mas distinguir entre ordens de grandeza, mal-  
 15 grado as dificuldades. Neste sentido, embora aparentemente condenados à  
 16 barbárie, podemos ser civilizados. Bárbaros civilizados.  
 17 No entanto, começam a aparecer sintomas que sugerem o abandono da atitude  
 18 quantificante. Não no sentido pretendido por "quantidade salta para quali-  
 19 dade", mas no sentido oposto: do "less is more". Darei um único exemplo:

tipo	corpo	medida	observações

obra n.º	matéria	página	visto	lauda n.º
	redator/editor			5

1 Tucuruí pode ser considerado máquina tão grande que dá o salto da ordem  
 2 de grandeza das máquinas para a ordem de grandeza da geografia. De grande,  
 3 vira pequeno: grande máquina,- pequeno fenômeno geográfico. Estamos diante  
 4 de salto qualitativo, no sentido curioso de salto de uma ordem de grandeza  
 5 para outra. "Less is more" pretende o oposto disto:pretende que máquina  
 6 menor que Tucuruí seja mais máquina, precisamente por não avançar geografia  
 7 adentro. Pretende que Paris seja mais cidade do que Manhattan; que molécula  
 8 seja mais matéria do que electron, precisamente por não ser tão "imensamente"  
 9 pequena: Em suma: "less is more" pretende que toda ordem de grandeza seja  
 10 destruída nos seus extremos. E com tal recusa aos extremos, aproxima-se  
 11 das atitudes dos Antigos. Quem sabe "less is more" seja o avatar de um novo  
 12 humanismo.  
 13 Dificil é convivermos com isto,- e não apenas porque "less is more" seja  
 14 sentença logicamente falha, mas sobretudo, porque exige o abandono da ati-  
 15 tude quantificante. Que sentido tem afirmar ser minha máquina de escrever  
 16 mais máquina que Tucuruí, se não posso medir o "mais" em tal afirmativa?  
 17 Não haverá sempre quem afirme o contrário, sem que possa argumentar contra  
 18 isso? Surge então a curiosa tentativa de medir qualidades. Se digo que a  
 19 renda per capita americana é superior à francesa, mas que a qualidade de  
 20

tipo	corpo	medida	observações

**NOVA CULTURAL**

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			6

6

1 vida francesa é superior à americana, ou seja, se afirmo "less is more",  
 2 estou em pleno  
 3 subjetivismo, a não ser que consiga quantificar o que pretendo por "quali-  
 4 dade de vida". E se conseguir quantifica-lo, terei abandonado a atitude do  
 5 "less is more". Porque afirmarei afirmando que os franceses, embora tenham  
 6 menos kwh, têm mais ski/h ou praia/h, e que, portanto, "more is more",  
 7 afinal das contas!  
 8 Muito embora seja difícil convivermos com este novo humanismo, não é tare-  
 9 fa impossível. Basta, para prova-lo, compararmos os dois conceitos "kwh"  
 10 e "praia/h": o primeiro é medida de fenômeno desumano, embora se enquadre  
 11 em dimensões humanas; o segundo é tentativa de medir fenômeno humano, -por  
 12 isto mesmo, não passa de tentativa de medida. Uma hora passada na praia  
 13 em tempo de chuva não é o mesmo fenômeno humano que uma hora em tempo de  
 14 sol, nem uma hora passada na praia com minha mulher é o mesmo que uma hora  
 15 passada com meu cachorro. O kwh é sempre o mesmo, quer chova quer faça sol,  
 16 quer esteja comendo, quer esteja morrendo. Querer quantificar qualidades  
 17 é querer o impossível. "Less is more" em sua deliberada ilogicidade, é  
 18 precisamente um brado que proclama tal impossibilidade. Se o admitirmos,  
 19 podemos conviver com isto.  
 20 A cultura ocidental está em transição penosa em relação à atitude quanti-  
 ficante, moderna, para a qualificante, pós-moderna. Talvez seja este o

tipo	corpo	medida	observações

**NOVA CULTURAL**

obra n.º	matéria	página	visto	folha n.º
	redator/editor			7

7

1 aspecto mais característico da revolução cultural que presenciamos. De-

2 pois de séculos de avanços gloriosos rumo a ordens de grandeza considera-

3 das imensas pelos Antigos estamos começando a recolhermos-nos sobre o não-

4 quantificável. Depois das expedições para além dos astros e dos núcleos

5 atômicos, estamos ~~voltando~~ começando a voltar para casa. Estamos ficando

6 humildes, por termos sido humilhados. Por certo: nosso mundo jamais será

7 comedido como o era o dos Antigos. Os horizontes do ~~nosso~~ <sup>nosso</sup> mundo se expan-

8 diram rumo ao Espaço, para lá se encurvarem rumo ao Tempo, para lá se con-

9 densarem no Big Bang . E tal Espaço-tempo não mais tem o homem como medida.

10 Não podemos deixar de medir com medidas desumanas, nem deixar de distinguir

11 entre ordens de grandeza, Não obstante, podemos ser humanistas em sentido

12 novo: podemos relacionar todas as medidas ao humano, e destarte, constatar

13 a vacuidade existencial de conceitos como "anos-luz", "micromis", "renda

14 nacional bruta". Podemos mostrar que o "muito grande" e o "muito pequeno"

15 são ambos existencialmente insignificantes. Tanto faz se a renda nacional

16 bruta dos Estados Unidos aumentou ou diminuiu de 2%. Podemos desprezar o

17 enorme. E isto é novo.

18

19 Ora, isto confere aos conceitos "grande" e "pequeno" significado novo:

20 "grande" passa a significar desprezo do quantitativo; "pequeno", dependên-

cia do quantitativo. E é neste novo sentido que os Antigos são "nossos

tipo	corpo	medida	observações

**NOVA CULTURAL**

obra n.º	matéria	página	visto	lauda n.º
	redator/editor			8

8

1 maiores", e que portanto, podemos voltar a admira-los novamente.

2 O Brasil, como se sabe "ad nauseam", sofre defasagem com relação à cultura

3 do Ocidente, por estar ainda na fase da atitude quantificante. Cresce indis-

4 criminadamente. A cidade de São Paulo é uma das "maiores" do mundo; a divi-

5 da externa, idem. Mas a defasagem não impede que a atual revolução cultural

6 atinja a consciência dos brasileiros. Poucos serão atualmente os que admi-

7 ram a "grandeza" de São Paulo. O Brasil ja foi "grande" no novo significado

8 do termo,- pelo menos, se aceitarmos como válidas as descrições de vida no

9 Brasil feitas no passado. E poderá a voltar a sê-lo no futuro. A imensidão,

10 a desmedida da situação brasileira atual pode ser reduzida a dimensões hu-

11 manas, ao existencialmente qualificável. Basta, para tanto, sorver o vazio

12 existencial das proposições altissonantes, sejam elas demagógicas, estatís-

13 ticas, ideológicas, etc. Isto é mais fácil no Brasil que em outros luga-

14 res do Ocidente, porque , embora a des-humanidade caracterize a superfície

15 da cena brasileira, conservou-se um fundo humano perdido alhures. O Brasil,

16 embora atualmente defasado, pode vir a ser um dos núcleos da "reavaliação

17 dos valores", ora em curso. Embora sob nova forma, o humanismo voltou a ser

18 possível. O Brasil será grande, se conseguir ser humanista. Senão, será

19 imenso...

20

====\*\*\*====

tipo	corpo	medida	observações